Tapirira guianensis Aubl.

(cupiúva, fruto de pombo, pau pombo, saboeiro, tapiriri)

Família: Anacardiaceae

Sinônimos: *Tapirira myriantha*

Endêmica: não[9]

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia (Floresta de Terra Firme, Floresta Ombrófila), Caatinga, Cerrado (Cerradão, Floresta Ciliar), Mata Atlântica (Restinga), Pampa, Pantanal[9]

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana, Silvicultura

O tapiriri ou cupiúba é uma árvore de pequeno porte, com altura de 8 a 14 metros, bastante encontrada em formações secundárias de solos úmidos como várzeas e beiras de rios. Seu tronco é curto e um pouco tortuoso, de casca externa cinza-escura com manchas brancas e fendas no sentido horizontal. As folhas são compostas, com folíolos que variam muito em forma e tamanho. As flores são pequenas de pétalas esverdeadas. Sua madeira é leve, fácil de trabalhar, empregada na fabricação de brinquedos, embalagens, caixotaria, móveis e cabos de utensílios domésticos.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (brinquedos, caixotaria, embalagens, solados de sapato, construção civil, carvão, lenha, chapas e compensados), produtos não madeireiros (apícola, recurso para fauna, medicinal, ornamental, substâncias tanantes)[6,3,13,10,4]

Características gerais

Porte: altura 8.0-30.0m DAP 40-80cm[4,1,10,3]

Cor da floração: amarela[3,6,1,4]

Flores amareladas; flores verdosas a branco-amareladas.

Velocidade de desenvolvimento: Rápida[3,13,4]

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua[3,6,4,10]

Sistema radicular: -

Formato da copa: Globosa[4]

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto, Tortuoso[3]

Superfície do tronco: Fissurada[1,2,3]

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Drupa)[1,6,3]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim[3]

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: sim[3]

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas, Áreas bem drenadas[13,4]

A espécie é tolerante a locais úmidos, por isso é muito encontrada em várzeas e beiras de rios. Embora também seja encontrada em ambientes secos de encostas, é nas várzeas que apresenta seu maior desenvolvimento (LORENZI, 1998). Espécie característica de florestas úmidas e de matas ciliares (MATOS; QUEIROZ, 2009).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial, Secundária tardia[10,4,21,11,18,22,3]

Polinizadores: Em geral, abelhas e diversos insetos pequenos (CARVALHO, 2006), como vespas e moscas, entre esses os sirfídeos (Diptera: Syrphidae).Essa espécie é dependente dos agentes polinizadores, uma vez que a produção de frutos na ausência de polinização é muito baixa.[15,16,17]

Período de floração: julho a dezembro[3]

Floração de julho a dezembro no estado de São Paulo (CARVALHO, 2006).

Tipo de dispersão: Zoocórica[18,11,14,3,13]

Agentes dispersores: Aves, dentre elas, tucanos Ramphastos dicolorus (GALETTI et al., 2000). A espécie está presente no cardápio anual do macaco bugio ou guariba (KUHLMANN, 1975). Espécie também utilizada na alimentação do macaco mono-carvoeiro (MORAES, 1992).[5,4,6,7,8]

Período de frutificação: janeiro a março[1]

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore[4,3]

Colher os frutos quando iniciarem a queda espontânea. Em seguida, os frutos devem ser despolpados manualmente e lavados em água corrente, dentro de uma peneira. Secar as sementes à sombra.

Tipo de semente: Não classificada[12,3,19,11]

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Outro[12,11,3]

Embora não seja necessário, o despolpamento eleva a taxa de germinação, além de diminuir o tempo de germinação, caracterizando a eficiência (CARVALHO, 2006). Outro método é a extração do pericarpo (MORI et al., 2012).

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais[1,3,4]

Semeadura em canteiros. Repicagem com 4 a 6 cm de altura. Plantio definitivo em 4 a 5 meses. (BACKES e IRGAN, 2004; CARVALHO, 2006). Quando realizado o plantio em recipientes individuais, recomenda-se plantar de 2 a 3 sementes, enterrando-as a 0,5 cm (MATOS; QUEIROZ, 2009).

Tempo de germinação: 4 a 30 dias[1,3,4,12]

Taxa de germinação: 60 a 100%[6,4,11]

Número de sementes por peso: 22200/kg[20,11,13]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[14,3,10]

Espécies heliófita.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

[1] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[2] HOELTGEBAUM, M. P.; QUEIRÓZ, M. H.; REIS, M. S. Relação entre bromélias epifíticas e forófitos em diferentes estádios sucessionais. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 64, p. 337-347, jun. 2013.

[3] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. v. 2, 627 p.

[4] MATOS, E.; QUEIROZ, L. P. de. Árvores para cidades. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia: Solisluna, 2009. 340 p.

[5] GALETTI, M.; LAPS, R.; PIZO, M. A. Frugivory by toucans (Ramphastidae) at two altitudes in the Atlantic Forest of Brazil. Biotropica, Washington, v. 32, n. 4b, p. 842-850, 2000.

[6] SILVA JÚNIOR, M. C. da; PEREIRA, B. A. da S. 100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria: guia de campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009. 288 p.

[7] MORAES, P. L. R. de. Espécies utilizadas na alimentação no mono-carvoeiro (Brachyteles arachnoides E. Geoffroy, 1806) no Parque Estadual de Carlos Botelho. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS FLORESTAIS, 2., 1992, São Paulo. Anais... São Paulo: Revista do Instituto Florestal, 1992. v. 4, p. 1206-1208.

[8] KUHLMANN, M. Adendo alimentar dos bugios. Silvicultura em São Paulo, São Paulo, v. 9, p. 57-62, 1975.

[9] SILVA-LUZ, C. L.; PIRANI, J. R. Anacardiaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 11 jul. 2013.

[10] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[11] MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

[12] DAVIDE, A. C.; SILVA, E. A. A. da. Produção de sementes e mudas de espécies florestais. Lavras: Ed. UFLA, 2008. ed. 1, 175 p.

[13] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1998. v.1, 360 p.

[14] BORGO, M. A Floresta Atlântica do litoral norte do Paraná, Brasil: aspectos florísticos, estruturais e estoque de biomassa ao longo do processo sucessional. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010.

[15] MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

[16] KINOSHITA, L. S.; TORRES, R. B.; FORNI-MARTINS, E. R.; SPINELLI, T.; AHN, Y. J.; CONSTÂNCIO, S. S. Composição florística e síndromes de polinização e de dispersão da mata do Sítio São Francisco, Campinas, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 20, n. 2, p. 313-327, 2006.

[17] ARRUDA, V. L. V.; SAZIMA, M. Flores visitadas por sirfídeos (Diptera: Syrphidae) em mata mesófila de Campinas, SP. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 109-117, 1996.

[18] AQUINO, C.; BARBOSA, L. M. Classes sucessionais e síndromes de dispersão de espécies arbóreas e arbustivas existentes em vegetação ciliar remanescente (Conchal, SP), como subsídio para avaliar o potencial do fragmento como fonte de propágulos para enriquecimento de áreas revegetadas no Rio Mogi-Guaçu, SP. Revista Árvore, Viçosa, v. 33, n. 2, p. 349-358, mar./abr. 2009.

[19] CARVALHO, L. R. de; SILVA, E. A. A. da; DAVIDE, A. C. Classificação de sementes florestais quanto ao comportamento no armazenamento. Revista Brasileira de Sementes, Brasília, v. 28, n. 2, p. 15-25, 2006.

[20] SILVA JÚNIOR, M. C. da; LIMA, R. M. C. 100 Árvores Urbanas – Brasília: guia de campo. Brasília: Editora Rede de Sementes do Cerrado, 2010. 280 p.

[21] HIGUCHI, P.; REIS, M. G. F.; REIS, G. G.; PINHEIRO, A. L.; SILVA, C.T.; OLIVEIRA, C. H. R. Composição florística da regeneração natural de espécies arbóreas ao longo de oito anos em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, em Viçosa, MG. Revista Árvore, Viçosa, v. 30, n. 6, p. 893-904, 2006.

[22] CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. Biota Neotropica, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.